

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## **Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista**

### **Sociolinguist patterns of Brazilian Portuguese: the importance of variationist research**

Maria Marta Pereira Scherre<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste texto é apresentar tendências gerais e particulares do português brasileiro e explicitar a importância da pesquisa variacionista para o conhecimento da realidade sociolinguística. Inicialmente, sintetizamos pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística e discutimos a ferramenta estatística mais usada neste tipo de análise - o programa de regra variável (VARBRUL). Como tendências gerais, abordamos o uso de pronomes átonos, do futuro do presente perifrástico, da expressão pronominal *a gente* e da concordância verbal, em especial, os casos de sujeito de estrutura complexa em dados escritos. Como tendências particulares, abordamos a expressão gramatical do imperativo, com dados da fala e da escrita. Fechamos nosso texto, apontando novas perspectivas de pesquisa variacionista, a saber, os usos de pronomes pessoais de segunda pessoa na fala de jovem capital brasileira, Brasília, de 52 anos em 2012, que exhibe processos de focalização dialetal.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Ferramenta estatística; Português brasileiro; Concordância verbal; Imperativo gramatical.

**ABSTRACT:** The goal of this paper is to present general and particular tendencies of Brazilian Portuguese, and show the importance of variationist research to understand everyday sociolinguistic usage. First of all, theoretical principles of the Theory of Language Variation and Change are summarized and the statistical tool most used in this kind of research--the VARBRUL program is discussed. As general tendencies, usage of non stressed pronouns, expression of future tense, expression of the pronominal *a gente*, and subject/verbal agreement, especially, in complex noun phrases with written data are discussed. Among the particular tendencies are the usage of imperative forms in spoken and written data. Finally, new perspectives of variationist research are presented, namely, the usage of the second personal pronouns in the speech pattern of Brasília (capital of Brazil), a relatively young city (52 years), which exhibits a process of dialectal focalization.

**Keywords:** Linguistic variation; Statistical tools; Brazilian Portuguese; Subject/verb agreement; Imperative forms.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora I-B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professora colaboradora sênior do Programa de pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB) e professora voluntária do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Endereços eletrônicos [marta.scherre@pq.cnpq.br](mailto:marta.scherre@pq.cnpq.br); [scherre@unb.br](mailto:scherre@unb.br); [mscherre@terra.com.br](mailto:mscherre@terra.com.br); [mscherre@gmail.com](mailto:mscherre@gmail.com)

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## 1. Breve introdução

Este texto é uma síntese de parte de nossa participação no evento “Encontro de Sociolinguística: variação – história – educação”, realizado no dia 1º de dezembro de 2011, em Salvador, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob a organização da professora Norma Lopes, do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL).

No decorrer da nossa participação, apresentamos tendências gerais e particulares do português brasileiro, com base em diversas pesquisas variacionistas, com o objetivo de traçar um panorama de padrões sociolinguísticos variáveis e de evidenciar a importância deste tipo de pesquisa no conhecimento da nossa realidade sociolinguística. Por limitações diversas, não vamos expor todos os detalhes de nossa apresentação, mas tentaremos dar uma visão de conjunto do que falamos à época. Assim, no item 2, sintetizamos alguns pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística de base laboviana, subjacentes às pesquisas variacionistas focalizadas e apresentamos alguns detalhes da principal ferramenta estatística usada neste tipo de análise, o programa de regra variável (VARBRUL), em sua nova versão para o ambiente *Windows*, o GoldVarb X. No item 3, vamos tecer breves considerações sobre algumas tendências gerais do português brasileiro, a saber, (1) o uso generalizado do pronome átono no início de oração, (2) uso generalizado do futuro de presente perifrástico, (3) uso da expressão *a gente* e (4) uso da concordância verbal. A seguir, no item 4, vamos apresentar, em algum grau de detalhe, um fenômeno de tendências particulares, a saber, a expressão gramatical do imperativo. Por fim, no item 5, fechamos nosso texto, abrindo as portas para futuras histórias sociolinguísticas, os pronomes pessoais de segunda pessoa, especialmente, na fala de Brasília.

## 2. Pressupostos da pesquisa variacionista e a ferramenta quantitativa

Os fatos linguísticos da pesquisa variacionista apresentados neste texto foram analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação e da Mudança Linguística de base laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 2008[1975]; LABOV, 1994;

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

2001; SANKOFF, 1988; DU BOIS, 1984; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1997, p.94-95), da qual destacamos os seguintes pressupostos:

1. A variação ou a heterogeneidade linguística é ordenada e faz parte do sistema linguístico. Em outras palavras, a variação é inerente ao sistema, com restrições linguísticas e sociais que a governam;
2. O falante nativo controla a variação linguística no plano do sistema monolíngue.
3. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente relacionados e análises que excluam um destes aspectos correm o risco de não entenderem regularidades observadas nos estudos do uso linguístico;
4. As variantes de um fenômeno linguístico variável têm o mesmo valor de verdade ou significado referencial e apresentam necessariamente algum grau de aleatoriedade;
5. Variação não necessariamente implica mudança, mas toda mudança é sempre precedida de variação;
6. Motivações internas e/ou externas podem estar em competição, o que implica assumir que a explicação dos fatos linguísticos variáveis pode estar fora do sistema linguístico;
7. Os dados analisados são produções linguísticas em circunstâncias reais, ou seja, a intuição não é usada como fonte de dados;
8. A natureza das motivações internas e/ou externas é naturalmente diversificada, tendo em vista a natureza dos dados analisados, que são produções linguísticas em circunstâncias reais;
9. A fonte de dados para análise pode ser conversas espontâneas, entrevistas sociolinguísticas, narrativas formais, gêneros escritos diversos, mas o objetivo central é o entendimento do vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”, “onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente” (LABOV, 2008, p.243-244; [1972, p.208]);

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

10. Regularidades subjacentes a fenômenos variáveis podem necessitar de grandes massas de dados, o que conduz necessariamente a tratamento quantitativo dos dados da variável dependente (o fenômeno variável analisado) em função de fatores ou restrições internas e externas (as variáveis independentes ou grupos de fatores), que operacionalizam as hipóteses sociolinguísticas postuladas.

A principal ferramenta quantitativa usada nos últimos 40 anos é o programa de regra variável (VARBRUL), em suas diversas versões. O VARBRUL mede o efeito relativo dos fatores das variáveis independentes ou grupo de fatores, projetando pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente em sucessivas análises (SANKOFF, 1988; SCHERRE; NARO, 2003; TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007), os quais, “na prática, são frequências corrigidas” (SCHERRE; NARO, 2010, p.74). Os pesos relativos são calculados tomando a média de uma dada variante como referência, o seu *input*, e são grandezas que se situam entre zero e um. Os efeitos de favorecimento ou não favorecimento das variantes da variável dependente analisada, medidos pelos pesos relativos, devem ser observados em função de sua hierarquia dentro da cada etapa de análise pelo programa e não em termos de suas grandezas absolutas (SANKOFF, 1988).

A última versão do VARBRUL para o ambiente *Windows* se denomina GOLDVARB X e para computadores *Macintosh*, da *Aple*, se denomina GOLDVARB LION (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2012). Diferentemente do VARBRUL 1988/1992 (PINTZUK, 1988), o GOLDVARB X tem funcionamento amigável, sem limites conhecidos de fatores em cada variável independente e sem limites de células (conjunto de contextos idênticos codificados), mas não possui ainda um módulo de análise de três, quatro ou cinco variantes (análise multinomial) em termos de pesos relativos. Assim, o GOLDVARB X só efetua a análise de pesos relativos de duas variantes (binomial), em um nível (*one level*) ou em

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

múltiplos níveis (*up and down*), mas calcula as frequências absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente.<sup>2</sup>

Embora amigável, o GOLDVARB X não possui um sistema de busca tão eficiente como o do VARBRUL 1988/1992, que permite a criação de novos arquivos com o conteúdo das buscas efetuada com base na cadeia de codificação, com o contexto previamente especificado, o que é muito útil para a conferência da codificação de dados e para a busca de exemplos específicos. O GOLDVARB X tem, sim, dois módulos de busca, mas dado por dado, o que já facilita muito a vida do pesquisador, mas não tem a eficiência do módulo *TSORT*, do VARBRUL 1988/1992, até onde vai nosso conhecimento do GOLDVARB X.

Todas as versões do VARBRUL trabalham com um nível de significância estatística de 0.05, que é o risco que se corre de rejeitar a hipótese nula, quando de fato ela é verdadeira, do ponto de vista estatístico. A hipótese nula postula que nenhuma das variáveis independentes construídas dá conta de explicar a variável analisada. Assim, rejeitar a hipótese nula implica revelar que há variáveis independentes que dão conta de parte da variação existente nos dados. Em outras palavras, o VARBRUL seleciona variáveis independentes com o nível de significância abaixo de 0.05, que implica dizer que variáveis independentes selecionadas dão conta, do ponto de vista estatístico, de parte da variação que está sendo analisada. O significado linguístico e/ou sociolinguístico das variáveis estatisticamente selecionadas é outra história, que depende da teoria linguística ou social subjacente à análise do fenômeno variável focalizado.

Gostaríamos de ressaltar que o VARBRUL, que trabalha com base em um modelo matemático logístico (SANKOFF, 1988; NARO, 1981, 2003), não é a única ferramenta estatística para a análise de fenômenos variáveis. Já em 1981, Naro, em seu texto clássico *The social and structural dimensions of syntactic change*, se vale do também programa *Multiple*

---

<sup>2</sup> Scherre e Cardoso (2010) produziram um texto intitulado *Guia rápido de instalação e uso do GOLDVARB X*, que pode ser acessado no blog do Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística (GEAS), da Universidade de Brasília.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

*Correspondence Analysis* (MCA) do *Statistical Package For The Social Sciences* (SPSS), que trabalha como um modelo matemático aditivo, para comparar os resultados obtidos pelos dois programas. Guardadas as diferenças entre estes dois programas, os resultados projetados são muito semelhantes em termos de hierarquia, ou seja, permitem entendimento semelhante do fenômeno variável analisado que, no caso de Naro (1981), é a concordância verbal variável de terceira pessoa plural. Todos os programas fazem análises de regressão, com testes estatísticos apropriados, cujos detalhes podem ser encontrados em livros de Econometria (GUJARATI, 2000).

Oliveira, A. (2009) também faz análises estatísticas comparativas usando o VARBRUL e o SPSS. O fenômeno analisado por Oliveira, A. (2009, p. 97) é a variação da sílaba final átona, constituída pela lateral alveolar seguida de vogal, a saber, por exemplo, a produção *eli* ou de *el* para o pronome pessoal *ele*; *iscola* ou *iscol* para o substantivo *escola*; *aquela* ou *aqué* para o demonstrativo *aquela*, na fala mineira da cidade de Itaúna. O texto de Oliveira, A. (2009) é extremamente rico em detalhes de análise estatística. Para os propósitos deste nosso texto, transcrevemos, a seguir, as palavras de Oliveira (2009, p.116) a respeito da comparação entre uma análise de regressão logística do SPPC, com o método *desvio da média* e outra do VARBRUL, com o método *desvio da média ponderada*, com todos os resultados expressos em termos de pesos relativos.

A especificidade do Varbrul com relação à codificação e estimação dos efeitos variáveis não gera resultados significativamente diferentes em relação ao desvio da média utilizado pelo SPSS (...). Isto indica que utilizar o Varbrul ou qualquer outro pacote estatístico que possua regressão logística não altera os resultados de estudos em sociolinguística variacionista, mesmo se os dados forem mal distribuídos. A utilização do SPSS, entretanto, fornece mais informações, por exemplo, a significância entre os fatores de uma mesma variável independente.

Em 2009, no âmbito do principal evento anual sobre estudos variacionistas, o *New Ways of Analyzing Variation* (NWAV), na sua 38ª versão realizada na Universidade de Ottawa, no Canadá, iniciou-se uma discussão a respeito de limitações do VARBRUL, em função de, por exemplo, novas teorias linguísticas, a saber, a que trata do papel da frequência

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

lexical, segundo o professor Gregory Guy, da Universidade de Nova York (NYU), em comunicação pessoal, e em função de se levar em conta a variabilidade nos dados que pode ser atribuída ao indivíduo isoladamente (BAYLEY, 2004; JOHNSON, 2008; OLIVEIRA, 2012). Esta discussão se deu no interior de um *workshop* intitulado [Using statistical tools to explain linguistic variation - A state of the art workshop for NAWV 38](#), coordenado pela professora Sali Tagliamonte.<sup>3</sup> A discussão continuou em 2010, no NAWV 39, na Universidade do Texas, na cidade de San Antonio, com dois *workshops*: um ministrado pelo professor Daniel Ezra Johnson, “Quantitative Analysis with Rbrul and R”; outro, novamente coordenado pela professora Sali Tagliamonte.<sup>4</sup> No NAWV 41, na Universidade de Indiana, em outubro de 2012, novo *workshop* sobre o tema *tem lugar, agora ministrado pelo professor John Paolillo, sob o título “Linguistic Variation, Theory-building and Statistics: Toward an Integrated Perspective”*.<sup>5</sup>

*O fato é que, neste momento em especial, embora o VARBRUL seja ainda largamente utilizado, especialmente no Brasil, novas ferramentas estatísticas se colocam à disposição da comunidade científica, e devemos delas nos inteirar para, eventualmente, aprimorar nossas análises quantitativas dos dados variáveis. Para finalizar esta parte, é importante salientar que todas as ferramentas estatísticas utilizadas têm subjacentes testes de significância estatística, mas estas ferramentas não devem nem podem ser usadas de forma ingênua, senão corremos o risco de estarmos usando números sem nenhum significado linguístico. Mais do que isto, as ferramentas estatísticas, como o próprio nome diz, são apenas ferramentas e elas não falam por si. As hipóteses linguísticas, baseadas em teorias pertinentes, são imprescindíveis e, sem elas, o entendimento do fenômeno linguagem não avança e nada faz sentido (NARO, 2003; GUY; ZILLES, 2007; SCHERRE; NARO, 2003).*<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Detalhes do *workshop* podem ser encontrados na página do evento <http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/nwav38/workshops.html>.

<sup>4</sup> Detalhes dos dois *workshops* podem ser encontrados na página do evento <http://colfa.utsa.edu/nwav39/workshops.html>.

<sup>5</sup> Detalhes do *workshop* podem ser encontrados na página do evento <http://www.indiana.edu/~nwav41/workshops.shtml>.

<sup>6</sup> A palavra de ordem agora para uma dada variável independente ou grupo de fatores é *predictor*. Segundo Gujarati (2000, p.10), a variável dependente, o fenômeno variável que se quer explicar, pode receber também

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Posto isto, vamos a alguns fatos linguísticos importantes para os propósitos do presente texto..

### 3 Algumas tendências gerais do português brasileiro falado e/ou escrito

Diversas pesquisas no Brasil evidenciam algumas tendências gerais do português brasileiro que passamos a listar, a exemplificar<sup>7</sup> e sobre as quais tecer alguns comentários:

(1) Uso generalizado do pronome átono no início de oração, em especial os de primeira e terceira pessoa singular *me* e *se*, casos em que praticamente não ocorre mais a colocação depois do verbo na língua falada (PEREIRA, 1981):

“*Me* conta um pouco do teu dia-a-dia” (*Corpus* Mocajuba, Pará, 2006, p. 1 - documentadora).  
“*Me, me* conte aí algum [livro] que você, me converse sobre algum que você já tenha lido” (*Corpus* do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP) – documentador do inquérito 05, linha 349, década de 90) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009)

Para todos os pronomes ocorrem outros processos, a saber, apagamento e substituição, em especial para os casos de *lhe* e de *o(s)/a(s)* (PEREIRA, 1981, p. 212; 214; 216; 218). Assim, a regra de uso não é a ênclise, ou colocação posposta ao verbo, como se registra amplamente na tradição gramatical brasileira, mas a próclise, ou colocação antes do verbo, o apagamento ou a substituição, a depender do tipo de pronome.

(2) Uso generalizado do futuro do presente com locução verbal, ou futuro perifrástico, na língua falada:

DOCUMENTADOR: Você não tem identidade não?  
05: Tenho, agora só que a minha identidade molhou...  
DOCUMENTADOR: Sim.  
05: Aí eu *vou tirar* outra. (*Corpus* PEPP – inquérito 05, década de 90)

---

as seguintes denominações: variável explicada, predito, regredido, resposta, endógena. A variável independente ou grupo de fatores, esta última apenas nos termos do VARBRUL, pode ter também outras denominações: variável explicativa, preditor, regressor, estímulo ou variável de controle, exógena.

<sup>7</sup> Meus agradecimentos as professoras Benedita Maria do Socorro Campos e Norma da Silva Lopes pela cessão de entrevistas para a busca de exemplos em bases de dados da cidade de Mocajuba, Pará e da cidade de Salvador, Bahia.



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

A maioria das gramáticas clássicas registra o futuro simples *sairei* ou o presente *saio* pelo futuro, com exemplos com verbos de movimento: “*sairei/saio* cedo no sábado”. Uma visão de conjunto deste fenômeno, com um estudo amplo e detalhado, em dados da fala e da escrita brasileira pode ser vista em detalhes em Oliveira, J. (2006; 2011), com ênfase em dados do Rio de Janeiro e de Salvador, ampliado para revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*, e também para a escrita jornalística Lisboa (Portugal) e Luanda (Angola). Um trabalho mais recente sobre o tema, também na língua falada e escrita, com ênfase em dados de Vitória, capital do Espírito Santo, pode ser visto em Tesch (2011). Os dois trabalhos evidenciam amplo e generalizado uso do futuro perifrástico na língua falada, embora esta forma não se encontre registrada nos paradigmas de conjugação verbal nem na caracterização dos tempos verbais da tradição gramatical brasileira, aqui representada por Bechara (1999, p. 221; 250-253). Evidenciam também variação na língua escrita com ampliação de usos do futuro perifrástico ao longo do tempo (quanto mais recente o tempo mais futuro perifrástico) e do tipo de escrita (as revistas em quadrinhos apresentam 92% de uso do futuro perifrástico).

(3) Uso da expressão *a gente*, como pronome pessoal, para expressar a primeira pessoa do plural, alternando com o pronome *nós*, em que se observa aumento regular nas faixas etárias mais jovens, e ampliação dos contextos semânticos, para se referir também à primeira pessoa singular:

“Deli [Deus] ter me chamado nessa graça (...) aí *a gente* conta uma obra que Deus fez pra gente (*Corpus* Mocajuba, Pará, 2006, p. 37 – falante mocajubense masculino, 15-25 anos, 1-4 anos de escolaridade)”

Mais detalhes podem ser vistos em trabalhos mais recentes, por exemplo, na dissertação de mestrado *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba* de Mendonça (2010, p.42-66), e nas teses de doutorado *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em diversas variedades do português* de Vianna (2011, p.6-37) e *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e*

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

*européu: estudo sociolinguístico comparativo*, de Rubio (2012, p. 224-229), em que se fazem sínteses de trabalhos anteriores, realizados em diversas regiões brasileiras e também portuguesas, além de análises de dados portugueses, nos segundo e terceiro trabalhos.

(4a) Uso variável de concordância entre o sujeito e/ou o predicativo e o verbo, com não concordância generalizada na fala com o sujeito (ou sintagma candidato a sujeito) depois do verbo (NARO, 1981; NARO; SCHERRE, 2007; SCHERRE, 2005; NARO; SCHERRE, 2007), que entra naturalmente na escrita menos monitorada e/ou não revisada:

“*saiu os meninos bem cedinho*” (língua falada sem monitoração);

“Como é que *foi as conversas* que vocês tiveram?” (Jornalista da Globo, no *Bom Dia Brasil* de 16/06/2010, às 8h da manhã)

“Como é que *fica então as concordâncias*?” (Jornalista da *Globo News*, no *Jornal das Dez*, por ocasião da polêmica do livro didático – ver artigo de Bagno, 2011 – *Discussão sobre o livro didático revela a ignorância da grande imprensa*)

“Informamos que foi *liberado a 1ª parcela* da monitoria R\$100,00 (cem reais). (informativo UnB, pela internet, em 9 de junho de 2008)

“*Segue informações* para chamada de publicação” (Divulgação - Chamada para publicação da UFMG, pela internet, em 24/11/2011)

(4b) Concordância variável com sujeitos de estrutura complexa na escrita monitorada (SCHERRE; NARO, 2007, p.134; 136-149), em sujeitos mais fortes, com nomes plenos (exemplos a/a’); em sujeito menos fortes, com estruturas quantitativas (exemplos b/b’); em sujeitos mais fracos, com expressões percentuais (exemplos c/c’):

[a ] “A *vida* dos miseráveis se *tornou* mais miserável ainda” (*Folha de S. Paulo*, 26/6/1994, Domingo, Brasil 95, Especial A-2, c.3, Síntese - O problema)

[a’] “O *salário* dos familiares *oscilam* entre R\$ 1.687 a R\$ 7.503 (*Correio Braziliense*, 24/3/2005, p.4)

[b ] “A *maioria* dos deputados *encenou* um espetáculo de oportunismo político explícito” (*Isto É*, 30/6/93, p.38, c.3, Congresso)

[b’] “A *maioria* dos pais *impõem* restrições à prática das crianças de assistir televisão” (*Folha de São Paulo*, 6/3/1994, TV Folha, p.3, c.1, "Pais controlam horários de TV")

[c ] “10% da população ativa do país *está* desempregada” (*IstoÉ*, 15/9/1993, p.79, c.1)

[c’] “75% da população *apoiam* a entrada de Erundina no ministério” (*Folha de S. Paulo*, 3/2/1993, Ilustrada, 4-p.8, c.1)

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

As condições ótimas para o deslocamento do controle da concordância variável com sujeitos singulares fortes de estrutura complexa são de uma configuração menos marcada (SCHERRE; NARO, 2007, p.140-141), a saber, [sujeito menos humano] + [substantivo do sintagma preposicionado menos humano] + [oposição verbal menos saliente], em que são casos exemplares os que se seguem abaixo. Assim, em casos como estes, é natural na escrita monitorada, embora não frequente, a concordância do verbo se dar com o substantivo precedido pela preposição (*de marcas*, no primeiro caso, por exemplo), que é parte do sujeito, mas não é o núcleo do sujeito:

“*A presença de marcas levam a marcas e a presença de zeros levam a zeros*” (Versão não final da Tese de Maria Marta Pereira Scherre, mas já lida e aprovada pelo orientador, 1988)

“Segundo os analistas ambientais do Ibama, *a ocupação urbana nas áreas limítrofes* da reserva *comprometem* os efeitos ecossistêmicos positivos do parque que promovem o bem-estar ambiental da população” (*Correio Braziliense*, 26/12/2004, domingo, Cidades, p.19, c.1, “Crime ambiental”)

“*O transporte inadequado de objetos* em mudanças nos condomínios *podem* causar alguns problemas nos elevadores.” (Atendimento Avançado A Seu Serviço – Altas Schindler, Janeiro de 2009, aviso afixado no elevador de um prédio de classe média da cidade de Vila Velha - ES)

Nos casos de sujeito menos forte, os de núcleo quantitativo, o deslocamento do controle para o substantivo precedido pela preposição é mais evidente, mesmo se o núcleo do adjunto for mais humano, como se vê a seguir, em pares variáveis. Ressalte-se que estes casos já são amplamente registrados pela tradição gramatical.

## Construções quantitativas partitivas

“*Boa parte dos partos não ocorre em hospitais.*” (Isto E/, 23/6/1993, Medicina, p.46, legenda)

“*Mas acho que boa parte de suas reflexões se adaptam aos impasses da imprensa brasileira*” (*Correio Braziliense*, 25/12/1994, Imprensa, p.8, c.1, “Jornalistas, heróis e vilões”)

## Construções quantitativas coletivas

“*Um grupo de artistas estava sábado à noite no Cine Ricamar.*” (Jornal do Brasil, 20/7/1992, Primeiro Caderno, Internacional, p.6, c.2, “Informe JB – Espelho”)

“*Um grupo de "homens da cidade" decidem ir atrás do ouro perdido de um tesouro, depois de encontrarem um mapa que pertencia ao falecido guia de sua primeira expedição.*” (*Correio Braziliense*, 23/4/1995, Dois, p.8, c.1, Cinema)

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## **Construções apenas quantitativas**

*“Um total de 323 candidatos (de deputado distrital a Presidente) estará disputando o voto de 1 milhão, 54 mil 461 eleitores.”* (Correio Braziliense, 25/08/94, Cidades, p.6)

*“Um total de 39.800 brasileiros votam no Exterior.”* (Correio Braziliense, 25/8/94, Cidade p.6)

Nos casos de sujeito mais fraco, os de núcleo percentual, a influência mais forte é a natureza morfológica de número do sintagma preposicionado: se singular, o verbo tende a ficar na forma singular; se plural, o verbo tende a ficar na forma plural (SCHERRE; NARO, 2007, p.144-149), como se exemplifica a seguir, embora haja ampla variação e haja outras restrições entrem em jogo:

*“Falo com propriedade que 80% do grupo não gosta de Felipão. Ele desmotiva os atletas”.* (A Tribuna, Vitória-ES, 15/11/2011, Esportes, p.50, c.1 – “Gladiador dispara contra Felipão”, Transcrição da fala do jogador de futebol)

*“Apenas 0,16 das crianças tiveram algum tipo de reação”* (Jornal do Brasil, 9/12/1994, p.17, c.1)

*“Ela diz que 90% dos prematuros saem da maternidade mamando”* (Jornal do Brasil, 20/7/1992, Primeiro Caderno, Medicina, p.14, c.3/4, “Maternidade cuida de criança de alto risco”)

Casos como estes só entram no registro do estudioso Bechara na última versão de sua gramática, já devidamente citada, embora já fossem registrados por Almeida (1992) e Cegalla (1991). O fundamental que queremos abordar aqui é que a concordância verbal em casos de estrutura complexa com sujeito formalmente singular segue padrões, ou seja, não se dá aleatoriamente, mesmo quando o sujeito não é de natureza partitiva, quantitativa ou percentual. Já discutimos estas questões em detalhes em Scherre e Naro (2007) o no texto de 2007 que foi reescrito agora em 2012 e será republicado sob o título *Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal: variação na escrita monitorada*.

4 Tendências particulares do português brasileiro: sobre a expressão gramatical do imperativo

O que estamos denominando de tendências particulares do português brasileiro diz respeito a fenômenos de comportamento regular, mas que revelam tendências associadas, especialmente, ao eixo geográfico ou diatópico. São dois os casos que considero mais

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

interessantes: a expressão gramatical do imperativo (*experimente/experimenta; liga/ligue, acorda/acorde*), abaixo da consciência social, sem estigma, e os usos variáveis dos pronomes de segunda pessoa (*você/cê/ocê/tu*), no plano da consciência social, mas com pouco estigma. Neste texto, só vamos abordar alguns aspectos do imperativo gramatical, que se encontram bem desenvolvidos em diversos textos (SCHERRE; DIAS, J.; FREITAS.; JESUS; OLIVEIRA H., 1998; 2000; SCHERRE, 2004; 2007; 2008; ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007).

São exemplos de variação do imperativo os casos abaixo, extraídos da fala de Brasília, de dados coletados por Freitas (1994):

[1a] “*Ah! É? Então **faz** o que você quiser!*”  
[1b] “***FaçA** aquilo que você achar melhor!*”

[2a] “***Passa** o braço na frente!*”  
[2b] “***PassE** para a folhinha 29!*”

[3a] “***Vem** para o seu lugar! Agora, Vitor!*”  
[3b] “*Maurício, **VenhA** pra dentro!*”

Em construções afirmativas, no contexto do pronome *tu*, a expectativa tradicional é de ocorrência das formas imperativas associadas ao indicativo *faz/passa/vem*; no contexto do pronome *você*, a expectativa tradicional é de ocorrência das formas imperativas associadas ao subjuntivo *faça/passe/venha* (BECHARA, 1999, p.237; CEGALLA, 1991, p.166-167). Em Scherre (2004, p.232), observei que, sem associação necessária com o tipo de pronome, pesquisas diversas têm revelado que (1) em amostras de fala das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o uso de imperativo associado ao indicativo tendia a um percentual médio de mais de 90% (RODRIGUES, 1993; MORAIS, 1994; JESUS; OLIVEIRA H., 1995; FREITAS, 1994; SCHERRE; DIAS, J.; FREITAS.; JESUS; OLIVEIRA H., 1998; BONFÁ; PINTO; LUIZ, 1997; SAMPAIO, 2001; FERREIRA; ALVES E., 2001); e (2) em amostras de fala da

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

região Nordeste este uso tendia a um percentual médio de cerca de 30% (SAMPAIO, 2001; ALVES, A.; ALVES, J. 2005; ALVES J., 2008a). Evidências de ausência de associação direta com pronomes específicos, em especial com o pronome *você*, podem ser vistas no estado de Minas Gerais, região Sudeste (de onde a autora deste texto provém), e em Salvador, no estado da Bahia, região Nordeste. Em Salvador e em Minas Gerais, predomina o uso de *você*.<sup>8</sup> Em Minas Gerais, predomina o uso do imperativo associado à forma indicativa, tipo *faz/passa/vem*. Em Salvador, predomina o uso do imperativo associado à forma subjuntiva, tipo *faça/passe/venha* (SAMPAIO, 2001). Estudos posteriores de Cardoso (2009, p.75) registram um percentual médio de 40% de imperativo associado ao indicativo na fala de Fortaleza, Ceará, região Nordeste; e Jesus (2006, p.65) registra um percentual médio de 51% de formas desta natureza na fala de Recife, Pernambuco, também região Nordeste. Assim, mesmo com percentuais um pouco mais altos de imperativo associado ao indicativo em Fortaleza e em Recife, nestas últimas pesquisas, que pode mudar em função de aumento de dados, estabelecia-se no eixo diatópico um corte regional, como se ilustra no Gráfico 1.

## GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO EIXO GEOGRÁFICO EM DIÁLOGOS DE LÍNGUA FALADA

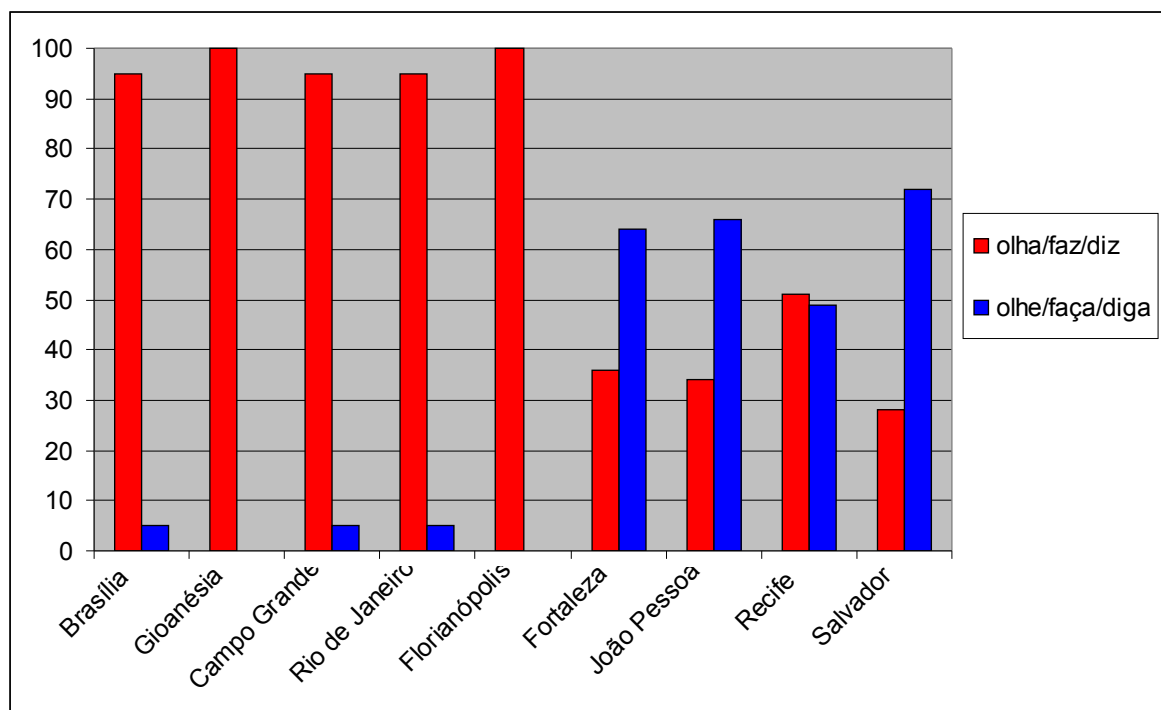
---

<sup>8</sup> Em 2004, eu considerava que Minas Gerais era um estado de uso exclusivo do pronome *você*, mas Mota (2008, p. 60; 61, 64) apresenta evidências de que em São João da Ponte, Norte de Minas Gerais, há 21 casos de *tu* (19 na posição de sujeito e 2 na posição de objeto) e 2 casos de *tua*, em 483 dados, um percentual de cerca de 5%.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782



Todavia, o desenrolar das pesquisas veio mostrar que a dimensão geográfica ou diatópica envolve relações mais complexas. Ao lado da oposição entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, por um lado, que tendem a favorecer imperativo hoje associado a formas indicativas (*fala/diz/vai*), em relação à região Nordeste, por outro, que tende a favorecer imperativo associado ao subjuntivo (*fale/diga/vá*), temos também verificado, por meio de leituras diversas, que a dimensão espacial que envolve este fenômeno revela também uma oposição interior/capital ou rural/urbano, especialmente com relação ao estado da Bahia. Isto fica bem claro no trabalho de Santos (2006; 2007), desenvolvido com dados do projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, sob a coordenação do professor Dante Lucchesi ([www.vertentes.ufba.br/](http://www.vertentes.ufba.br/)), com dados das comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé (Santos, 2006) e das comunidades rurais não afro de Poções e de Santo Antônio (Santos, 2007).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

O mapeamento que temos até o presente momento pode ser visualizado no Gráfico 2, que contém a síntese de estudos diversos, relacionados a seguir, com a especificação de 17 localidades, acompanhadas da tipo especificação do tipo de pronome de segunda pessoa que se vislumbra como mais frequente na comunidade, em termos médios, se *V* (VOCÊ),<sup>9</sup> *VT* (VOCÊ/*tu*) e/ou *TV* (*tu*/VOCÊ):

- 1) Distrito Federal (DF)-Brasília – *VT* (de 20% a 90% de VOCÊ e 95% de imperativo *fala/diz/vai*) (SCHERRE; DIAS, E.; ANDRADE, C.; LUCCA; ANDRADE, A, 2011; RODRIGUES, 1993; LEITE, 1994; MORAIS, 1994; SCHERRE; DIAS, J.; FREITAS.; JESUS; OLIVEIRA H., 1998; SILVA, C. 2003);
- 2) Goiás (GO)-Goianésia - *V* (100% de VOCÊ e 100% de imperativo *fala/diz/vai*) (FERREIRA; ALVES, E. 2001);
- 3) Mato Grosso (MS)-Campo Grande – *V* (100% de VOCÊ e 97% de imperativo *fala/diz/vai*) (LIMA, 2005);
- 4) Rio de Janeiro (RJ)-Rio de Janeiro – *VT* (pelo menos 35% a 94% de VOCÊ e 95% de imperativo *fala/diz/vai*) (PAREDES SILVA, 2003; LOPES; MARCOTULIO; SILVA, A.; SANTOS, V., 2011; SAMPAIO, 2001);
- 5) Espírito Santo (ES)-Vitória – *V* (100% de VOCÊ e 97% de imperativo *fala/diz/vai*) (CALMON, 2010; EVANGELISTA, 2010);
- 6) Santa Catarina (SC)-Florianópolis – *T* (76% de *tu* e 100% de imperativo *fala/diz/vai*) (LOREGIAN-PENKAL, 2004; BONFÁ; PINTO; LUIZ, 1997);
- 7) Santa Catarina (SC)-Lages *V* (84% de VOCÊ e 20% de imperativo *fala/diz/vai*) (LOREGIAN-PENKAL, 2004; BONFÁ; PINTO; LUIZ, 1997);
- 8) Bahia (BA)-Poções – *VT* (91% de VOCÊ e 84% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2007; SANTOS, L., 2007);

---

<sup>9</sup> O pronome VOCÊ em versalete indica que não se trata da realização *você*, mas da categoria macro que envolve as realizações de, pelo menos, *você*, *ocê*, *cê* (COELHO, 1999; ANDRADE, 2004; RAMOS, 1997; PERES (2006; GONÇALVES, 2008; SCHERRE; DIAS, E.; ANDRADE, C.; LUCCA; ANDRADE, A, 2011). Scherre e Yacovenco (2011) ressaltam a importância de que as pesquisas controlem de forma detalhada as diversas variantes do VOCÊ em suas pesquisas para que, no futuro, possamos ter uma visão de conjuntos dos pares T/V no português brasileiro, nos termos de Brown & Gilman (2003 [1960]).



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

- 9) Bahia (BA)-Helvécia – **VT** (97% de VOCÊ e 89% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
- 10) Bahia (BA)-Cinzento – **VT** (79% de VOCÊ e 87% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
- 11) Bahia (BA)-Rio de Contas – **VT** (99% de VOCÊ e 88% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
- 12) Bahia (BA)-Sapé – **VT** (79% de VOCÊ e 75% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
- 13) Bahia (BA)-Santo Antônio de Jesus - **VT** (80% de VOCÊ e 56% de imperativo *fala/diz/vai*) (OLIVEIRA, L., 2007; SANTOS, 2007);
- 14) Bahia (BA)-Salvador - **V** (100% de VOCÊ e 25% de imperativo *fala/diz/vai*) (SAMPAIO, 2001; ALVES, A; ALVES, J. 2005; ALVES, J. 2008a);
- 15) Ceará (CE)-Fortaleza – **TV ou VT** (possivelmente 60% VOCÊ e 40% de imperativo *fala/diz/vai*) (SOARES, 1980: 79; CARDOSO, 2006; 2009);
- 16) Paraíba (PB)-João Pessoa - **TV ou VT** (possivelmente de 60% VOCÊ e 34% de imperativo) (ALVES, G. 2001);
- 17) Pernambuco (PE)-Recife - **TV ou VT** (possivelmente de 60% VOCÊ e 34% de imperativo) (SETTE, 1980; JESUS, 2006).

Nas três colunas à esquerda no Gráfico 2, com pleno favorecimento de imperativo associado ao indicativo (*fala/diz/vai*), estão representadas as regiões Centro-Oeste (DF-Brasília, GO-Gioanésia, MG-Campo Grande), Sul (SC-Florianópolis) e Sudeste (RJ-Rio de Janeiro; ES-Vitória): até o presente momento, somente a cidade de Lages (SC), na região Sul, apresenta padrão diferenciado, semelhante ao padrão de BA-Salvador, na região Nordeste. Como se pode ver no Gráfico 2, o estado da Bahia apresenta padrão diversificado, evidenciando-se que, no interior, com maior distanciamento de Salvador, há predominância de estruturas como *fala/diz/vai*, e pode ser esta a principal razão para este estado de coisas.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Portanto, a dimensão interior/capital ou rural/urbano, bem como o contato entre estados distintos, no caso, com Minas Gerais, entram também em foco no entendimento das tendências variáveis da expressão gramatical do imperativo em função do eixo diatópico.

Assim, estudos com mais dados e/ou um mergulho na socio-história são pontos importantes para estudos futuros, a saber, em especial, o comportamento observado em Lages, SC, onde Bonfá, Pinto e Luiz (1997), com uma pequena base de dados, observaram 20% de imperativo do tipo *fala/diz/vai*, em contexto de predominância do pronome VOCÊ, um sistema, como já dissemos, semelhante ao de Salvador, na região Nordeste. Estudos futuros, que estão sendo realizados sob a orientação da professora Izete Lehmkuhi Coelho, do projeto VARSUL em Santa Catarina, poderão nos trazer mais luzes para esta questão.

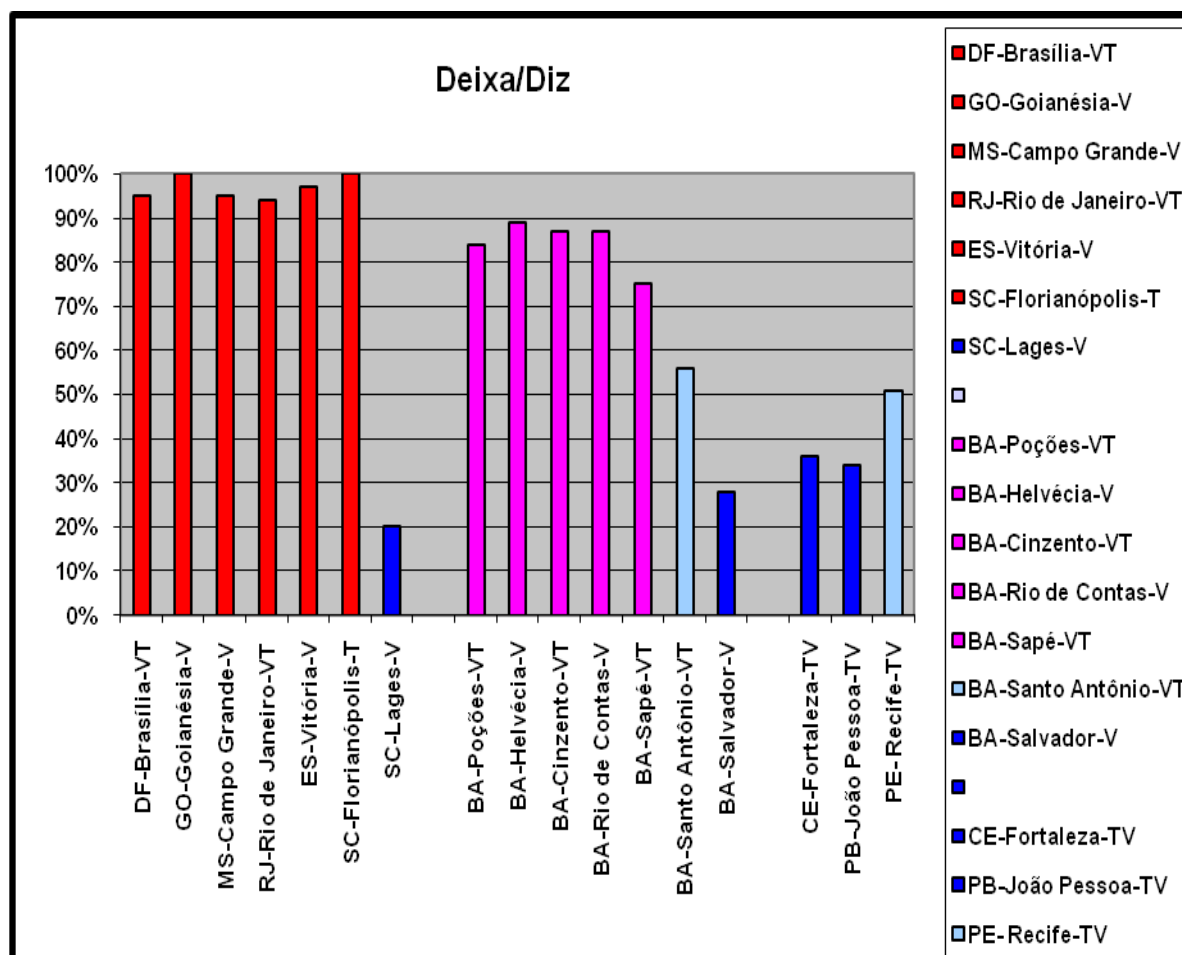
Além disso, é fundamental o controle do contexto de interação, por meio, por exemplo, dos pronomes *tu* ou VOCÊ não apenas no plano discursivo, mas no plano da sintaxe e também por meio de outros elementos que marquem relações solidárias. É fato que a presença de pronome VOCÊ em uma determinada variedade não implica uso necessário de imperativo associado ao subjuntivo. Melhor dizendo, não implica o uso da forma imperativa considerada supletiva, mas, em uma variedade com a alternância *TV ou VT*, o tipo de pronome pode até influenciar a variação entre as formas do imperativo, especialmente em comunidades em que a alternância *TV* é influenciada por aspectos interacionais mais visíveis (SOARES, 1980), como se evidencia na análise de Cardoso (2009, p.119) com base em dados de Fortaleza, região Nordeste.

GRÁFICO 02 - IMPERATIVO ASSOCIADO AO INDICATIVO (*DEIXA/DIZ*) EM DIÁLOGOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO (SÍNTESE DE DIVERSOS ESTUDOS): SCHERRE (2009: 8)

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782



Até o presente momento, não tenho conhecimento de estudos com dados de língua falada que tenham contralado as questões interacionais na expressão gramatical do imperativo. Isto já foi, sim, direta ou indiretamente revelado em trabalhos com dados da escrita de música e de romances. Mattos e Wickert (2003, p.36), ao analisar a expressão do imperativo na obra do Chico Buarque de Hollanda, um carioca nato, revelam, entre outros aspectos, três variáveis fundamentais que influenciam o aumento de imperativo na forma associada ao indicativo (da ordem média de 73%): a presença do pronome *tu/teu* no contexto (aumentando-o para 96%); a época de ruptura política (aumentando-o para 84%); e o conteúdo romântico das músicas (aumentando-o para 81%). Fonseca (2003), ao analisar a expressão variável do imperativo na obra de Ariano Suassuna, paraibano radicado em

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Pernambuco, além de revelar um uso médio de imperativo associado ao indicativo, da ordem de 30%, perto do índice médio do que foi encontrado nas primeiras pesquisas para a fala da região Nordeste, evidencia que a presença de um vocativo de intimidade ou o uso de nome do interlocutor aumenta para cerca de 50% o uso de imperativo associado ao indicativo. Reis (2003, p.88; 97), ao analisar a expressão do imperativo na obra *Vinhas da Ira*, uma obra traduzida em 1940 que evidencia “as variedades do falar regional da época”, refletindo aspectos “da fala de classes populares sul-riograndenses”, região Sul, revela um percentual de imperativo da ordem de 71%, que aumenta ou diminui em função do tipo de interação com o interlocutor: para 93% (com o pai passivo, irmãos mais novos, amigo íntimo); para 43% (com estranhos, com a mãe e com o tio); para 15% (com o reverendo e com o policial ou delegado). Assim, traços do contexto de interação, a dimensão estilística, se revelam na análise de dados da escrita, mas este trabalho ainda está por ser feito na fala, para também se testar a hipótese de Faraco (1986, p.10) de que o par imperativo *canta/não canta* tenha entrado no português brasileiro como “um recurso de reforço da força ilocucional do ato de fala”.

O fato é que, segundo Faraco (1986, p.3), o Brasil manteve o par imperativo europeu *cante/não cante*, mas criou um par próprio, a saber, *canta/não canta*. Paredes Silva et alii (2000), focalizando também dados da escrita, observa que, na Semana de Arte Moderna, a escrita brasileira, na pessoa de Gastão Trojero, assume o imperativo brasileiro, que é o uso de *canta/não canta* no contexto do pronome VOCÊ, embora a negação pré-verbal tenda a favorecer a forma *cante*, associada ao subjuntivo (SCHERRE; CARDOSO, D; LUNGUINHO; SALLES, 2007; CARDOSO D., 2009). Assim, nos termos de Paredes Silva et alii (2000, p.117; 121), na “Semana da Arte Moderna”, em 1922, um período de afirmação da identidade linguística e artística brasileira – “estava instituído o “abrasileiramento” do imperativo”, na peça *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Trojero (PAREDES SILVA; SANTOS G.; RIBEIRO, 2000, p.121).

Estudos realizados com os diálogos escritos das revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* evidenciam de forma bastante interessante mudança linguística em tempo real

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012

ISSN: 2176-5782

(ANDRADE, C.; MELO; SCHERRE, 2007). As autoras analisaram 3.632 construções imperativas, publicadas num intervalo temporal de 35 anos. Observaram 7% de imperativo associado ao indicativo na década de 70, 51% na década de 80; 57% na década de 90 do século XX; e 72% na década de 00 do século XXI. Como pode ser vista na Tabela 1, a seguir, ao desmembrarem a década de 80, verificaram “que, em 1983, o imperativo associado ao indicativo é da ordem de apenas 18% e que, em 1985, este percentual se eleva para cerca de 56%.” Em Scherre e Andrade (2010), retomamos os dados analisados por Andrade, Melo e Scherre (2007), incorporamos alguns dados 2010, também apresentados nos resultados da Tabela 1, que evidenciam um avanço bastante regular do imperativo associado ao indicativo, em substituição ao imperativo associado ao subjuntivo, um *range* robusto de 74 pontos, a diferença entre o peso relativo mais baixo (0,002) e o peso relativo mais alto (0,76), que mede a força de uma dada variável independente (Tagliamonte, 2006, p. 242-243; 251).

TABELA 1 – EFEITO DAS DÉCADAS/ANOS NO USO DO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA ( <i>FAZ/OLHA</i> ): DE 1970 A 2010			
Fatores: décadas/anos	Frequência do imperativo na forma indicativa		Peso relativo dos fatores
<b>1970/1971</b>	<b>11/153</b>	<b>7%</b>	<b>0,02</b>
1983	15/ 84	18%	0,06
<b>1985</b>	<b>145/260</b>	<b>56%</b>	<b>0,40</b>
1986/1987	135/229	59%	0,38
1988/1999	361/637	57%	0,44
<b>2001</b>	<b>360/507</b>	<b>71%</b>	<b>0,62</b>
2002	579/794	73%	0,61
2004	333/489	68%	0,52
2005	365/478	76%	0,69
<b>2010</b>	<b>119/147</b>	<b>81%</b>	<b>0,76</b>

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Total	2423/3778	81%	
Range robusto (0,76-0,02)			74

Andrade, Melo e Scherre (2007, p.4-6) associam dois aspectos externos ao ano de 1985, quando se observa o salto da mudança (de 18% para 56% em termos percentuais e de 0,05 para 0,40 em termos de pesos relativos). Trata-se da época das *Diretas Já!*, um segundo movimento de brasilidade, também nos termos de Silva, M., 2002 e Scherre; Andrade, 2010. Trata-se também do ano que a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) admitiu o personagem Chico Bento como seu sócio honorário, comprometendo-se a defender direitos linguísticos do Chico Bento e a lutar contra o preconceito linguístico a ele revelado, tendo em vista que, como relatam Andrade, Melo e Scherre (2007, p.4-6):

“o Conselho Nacional de Cultura cogitou proibir a publicação das revistas do personagem *Chico Bento*, sob a alegação de que elas eram um péssimo exemplo para as nossas crianças, que poderiam imitar os personagens com traços linguísticos rurais e de oralidade, segundo o relato da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo - lingüista a quem Maurício de Sousa recorreu inicialmente, pedindo que escrevesse um artigo em defesa do *Chico Bento*

Enfim, parte dos padrões associados à variação de expressão do imperativo gramatical aqui relatada reflete regularidades diatópicas do português brasileiro, que caracterizam variedades distintas, em termos da dimensão regional e da dimensão rural/urbano ou interior/capital, que permeiam as diferenças linguísticas faladas. Além disso, ilustra-se a entrada do “imperativo brasileiro” na escrita, de forma também regular, motivada por movimentos sociais externos à língua, aos quais subjaz o sentimento de brasilidade.

A regularidade diatópica do fenômeno, na dimensão rural/urbano, observada em especial no Estado da Bahia, também se reflete na escrita de revistas em quadrinho baianas, na Tabela 2.

TABELA 2 - O IMPERATIVO GRAMATICAL EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

BAIANAS (ALVES, 2008, p.141-152)		
<i>Fala, Menino</i> Salvador, Área urbana da Bahia	76% de imperativo associado ao subjuntivo	24% de imperativo associado ao indicativo
<i>Turma do Xaxado</i> Jacobina, Área rural da Bahia	29% de imperativo associado ao subjuntivo	71% de imperativo associado ao indicativo

De forma muito peculiar, o estudo de Alves J. (2008b, p.141-152) revela, na Tabela 2, que o uso imperativo dos diálogos das revistas de Salvador se aproxima (ou quase se igual) ao uso observado na fala de Salvador. Inversamente, o uso dos diálogos das revistas da área rural se aproxima ao uso médio observado nas áreas rurais da Bahia.

## 5. E a história continua...

O panorama apresentado contém lacunas e incompletudes naturais, em função das limitações, também naturais; de espaço, da revista; e de tempo, nosso. Mesmo assim, imaginamos ter alcançado nosso objetivo central de delinear alguns padrões sociolinguísticos do português brasileiro falado e escrito e, conseqüentemente, evidenciar a importância das pesquisas variacionistas, ao lado de tantas outras abordagens fundamentais do fenômeno linguagem, para um entendimento mais amplo do português brasileiro.

Outros fatos linguísticos sobre os quais falamos na palestra que gerou este texto poderiam ser aqui arrolados como o mesmo objetivo. Um deles, de forma também muito interessante, diz respeito os pronomes de segunda pessoa nas suas diversas possibilidades de alternâncias e de concordâncias no amplo território brasileiro, que incluem, minimamente, os pronomes *tu, você, cê, ocê*, os quais ilustram variações no eixo diatópico: dimensão regional e dimensão rural urbano; no eixo diafásico: dimensão interacional e/ou estilística; no eixo diagenérico: dimensão gênero/sexo; no eixo diageracional: dimensão etária/geracional: são outras histórias para contar em outros momentos com mais tempo.

Só para termos o gosto inicial de novas histórias sociolinguísticas que estão sendo contadas por diversas vozes, salientamos que a variedade brasileira em formação, em uma

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

jovem cidade com 52 anos no ano de 2012, na grande Brasília, rompe expectativas teóricas e abriga em seu seio um pronome *tu* de emprego vigoroso nas falas masculinas entre jovens, que se espraia a galope para falas femininas e para contextos linguísticos e interacionais mais amplos. Então, para finalizar esta etapa de nosso trabalho, brindamos o leitor com três pequenas falas brasilienses, daqueles que já nasceram e se criaram na nova capital brasileira e adjacências, extraídas do texto de Scherre et alii (2011, p.19-20), que resume quatro dissertações sobre o tema (ANDRADE, A, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, E. 2007; ANDRADE, C. 2010).

[1] “Ingrid, *cê* num vai vim mais pra aqui pra fora não?” (...) (...) (...) Eu “minha filha, eu tava dando banho na, na Isabele, num vem reclamar de nada não, *você* num é minha mãe nem nada, *você* não é minha mãe nem nada e tal”. Aí, aí ela bem assim “ah, mas pra que demora isso tanto?” Eu falei “minha filha, quem demorou fui eu, oxi. *Tu* num tá tomando conta de mim, eu vim sozinha... (...)”. (falante brasiliense feminina, de 14 anos, em 2008 (ANDRADE, 2010, p. 12))

[2] *Caraca! Tu* é muito chata, brother! Pára de jogar bem, velho! *Cê* rouba, né velho? Isso que é o seu problema, *você* rouba. (falante brasiliense masculino, de 27 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007))

[3] *E tu* passando numa lombada! Lombada grande, véi! Não! E *cê* quase me levou junto, véi! (falante brasiliense feminina, de 17 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007))

E a pesquisa continua... E as histórias continuam a ser contadas, prazerosamente.

## Referências

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva. 1992.

ALVES, A. P. O.; ALVES, J. da S. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2005, inédito.

ALVES, G. C. *Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense*. (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

ALVES, J. da S. *Imperativo: uma análise das variáveis sociais na língua falada de Salvador*. PREPES/PUC-MG, 2008a. Inédito.



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

ALVES, J. da S. O imperativo gramatical em histórias em quadrinhos baianas. In: *Revista Philologus*. Ano 14, Nº 42, Rio de Janeiro: CiFEFil, set./dez. 2008b: 141-152.

ANDRADE, A. L. V. S. de. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*. Universidade de Brasília: Brasília, 2004. Dissertação de Mestrado em Linguística, inédito.

ANDRADE, C. Q. “*Tu e mais quantos?*” - *A segunda pessoa na fala brasiliense*. Brasília: UnB, 2010. Dissertação de Mestrado em Linguística. inédito.

ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica. Finos Leitores*. Brasília: Jornal de Letras do UniCEUB. Ano 3, número 1, agosto de 2007. <http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>

BAYLEY, R. The Quantitative Paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford/Carlton: Blackwell, 2004. p.117-131.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. São Paulo: Lucerna, 1999.

BONFÁ, C. R. Z; PINTO, I. A.; LUIZ, I. *Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, CEP, Série de Estudos Diacrônicos, 1997, inédito.

BROWN, R; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Malden/Oxford/Melbourne: Blackwell, 1960/2003. p. 156-176.

CALMON, E. N. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2009. Dissertação (Programa de pós-graduação em estudos linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Dissertação de Mestrado.

CARDOSO, D. B. B. O imperativo gramatical no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. v.14, Nº 2, j1./dez 2006. p.317-340.

CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Tese de Doutorado em Linguística, inédito.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 34ª. ed. São Paulo: Nacional, 1991.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

COELHO, M. do S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasiliense falado*. Brasília: UnB, 2007. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, John. *Iconicity in syntax*. Amsterdam, John Benjtiming, 1984, p.342-365.

EVANGELISTA, E. M. *Fala Vitória: o imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional*. Vitória: UFES, 2010. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, Vol. 2, nº 1, p. 1-15. 1986.

FERREIRA, G. R. A. & ALVES, E. do N. *A expressão variável do imperativo no português da Brasil - Língua falada da região Centro-Oeste e escrita quase falada nas salas de bate-papo da Internet*. Brasília: UnB, 2001, inédito.

FONSECA, L. C. A. *A expressão variável do imperativo em Adriano Suassuna*. Brasília: UnB, 2003, inédito.

FREITAS, V. A. de L. *Um estudo sobre o uso do modo imperativo na linguagem oral do português do Brasil*. Brasília: UnB, 1994, inédito.

GONÇALVES, C. *Uma abordagem sociolingüística dos usos das formas você, ocê e cê no português*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUJARATI, D. N. *Econometria Básica*. São Paulo: MAKRON Books, 2000. p.1-17; 119-124.

GUY, G.. R.; ZILLES, A. M. S. *Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

JESUS, E. T. de & OLIVEIRA, H. R. de. *Pesquisa sobre a formação do imperativo no português do Brasil - Fala e escrita*. Brasília: UnB, 1995, inédito.

JESUS, É. T. de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

JOHNSON, D.I E. Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. *Language and Linguistics Compass* 2, 2008. P.359-383.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LEITE, J. S. *O fenômeno variacionista na formação do imperativo - linguagem oral*. Brasília: UnB, 1994, inédito.

LIMA, D. P. S. *O uso do imperativo na fala de Campo Grande - MS*. Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, A. dos S.; SILVA, V. M. dos S. Quem está do outro lado do túnel? *Tu ou você na cena urbana carioca. Processos urbanos I: variação linguística em megalópoles latino-americanas. Neue Romania*, v. 39, p.49-66, 2009.

LOPES, N. da S.; SOUZA, C. M. B. de.; SOUZA, E. H. P. M. de. *Um estudo da fala popular de Salvador*: PEPP. Salvador: Quarteto, 2009.

LOREGIAN-PENKAL, L. (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004. Tese de Doutorado em Letras, inédito.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

MATTOS, A. & WICKERT, A. A variação de imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda. *Papéis: revista Letras*. 7 (n. especial), 2003. p.29-38.

MENDONÇA, A. K. de. Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba. 2009. 135f. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MOTA, M. A. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

- MORAIS, R. D. *O uso e emprego dos imperativos 2*. Brasília: UnB, 1994, inédito.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, 57(1):63-98, 1981.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2003. p.15-25.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- OLIVEIRA, A. J. de. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. *Revista de Estudos da Linguagem. Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte, v.17, n.2, p.93-119, jul/dez, 2009.
- OLIVEIRA, A. J. de. Métodos de análise quantitativa. In: \_\_\_\_\_. *Comendo o final das palavras: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG*. 2012 296f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, p.103-122.
- OLIVEIRA, J. M.. O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança. 2011. 254f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.
- OLIVEIRA, J. M. Variação e mudança no português: a expressão do futuro verbal. II Seminário de Sociolinguística. Vitória: Ufes. 03 a 06/05/2011.
- OLIVEIRA, L. A. F. de. *Tu e você no português afro-brasileiro. Tu e você no português afro-brasileiro*. Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2005.
- OLIVEIRA, L. A. F. de. *Tu e você no português afro-brasileiro. Tu e Você no português popular do estado da Bahia*. Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M. dos; RIBEIRO, T. de O. Variação na 2ª Pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá* 9: 115-123, 2000.

PERES, P. E. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte – um estudo em tempo aparente e em tempo real real*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Tese de Doutorado, inédito.

PEREIRA, M. das G. D. A variação da colocação dos pronomes átonos no português do Brasil. 1981. 278f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1981.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988, inédito.

RAMOS, Jânia. O uso das formas *você, ocê e cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p.43-60.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística sob um olhar funcionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RODRIGUES, M. da S. *Estudo da formação do imperativo na linguagem oral e escrita*. Brasília: UnB, 1993, inédito.

RUBIO, C. F. Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 393f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto. 2012.

SAMPAIO, D. A. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA: 2001. Dissertação de Mestrado em Letras, inédito.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K J. (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1988, p.984-998.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb Lion - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2012. [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)

SANTOS, L. L. *O uso do modo imperativo no português afro-brasileiro*. Comunicação apresentada no VII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2006.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

SANTOS, L. L. *O uso do modo imperativo no português rural do estado da Bahia*. Comunicação apresentada no VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W. & NOLL, V. (Org.) *O Português do Brasil - Perspectivas da pesquisa atual*. (Linguística luso-brasileira, v.1). Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana - Vervuert. 2004. p.231-260.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle – Variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 51 (1): 189-222, 2007.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil – uma homenagem acadêmica*. FAPERJ/7Letras: Rio de Janeiro, 2008. p.306-319.

SCHERRE, M. M. P. Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro. *Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq para o quadriênio: Março de 2010 a Fevereiro de 2014*. Vitória: UFES, 2009.

SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q. The Brazilian imperative and brazilianness. NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION (NWAV) 39. The University of Texas at San Antonio (UTSA), 2010.

SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, D. B. B.; LUNGUINHO, M. V da S. & SALLES, M. M. L. *DELTA*. vol. 23, nº especial, em homenagem a Lúcia Lobato. 2007. p. 193-242.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. S de. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. *Papia 21* (Volume Especial), p.117-134, 2011.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, J. G.; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T.; OLIVEIRA, H. R. de. Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese. In: (orgs.) PARADIS, C. et alii. *Papers in Sociolinguistics. NWAVE-26 à l'Université Laval* (Québec): Nota Bene, 1998, p. 63-72.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, J. G.; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T.; OLIVEIRA, H. R. de. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

do Brasil. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis: Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000a, p.1333-1347 (publicação em CD-ROM).

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.147-177.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: (Org.) HORA, Dermeval da. *Diversidade linguística no Brasil*. João pessoa: Ideia, 1997. p.93-114.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.133-158, junho 2007.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. 2010. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo verbal na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. (Org.) *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p.71-77.

SCHERRE, M. M. P; CARDOSO, C. R. *Guia rápido de instalação e uso do GOLFPARB X*. Brasília: UnB, 2010, inédito.

SCHERRE, M. M. P; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. Curitiba, *Revista da Abralín*, 2011, Vol. Eletrônico, Número Especial, 1ª parte, p. 121-146.

SILVA, C. A. da. *O imperativo na língua falada na região centro-oeste*. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica. Brasília: UNIP, 2003, inédito

SILVA, M. N. *O imperativo no português do Brasil e a identidade nacional*. Brasília: UnB, 2002, inédito.

SETTE, N. D. *Formas de tratamento no português coloquial*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1980. Dissertação de Mestrado em Lingüística, inédito.

SOARES, M. E. S. *As formas de tratamento nas interações comunicativas – uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. D Rio de Janeiro: Pontificia Universidade Católica, 1980. Dissertação de Mestrado em Letras, inédito.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analyzing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012

ISSN: 2176-5782

TESCH, L M. A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. B. de S. *Semelhanças e diferenças na implementação de **a gente** em diversas variedades do português*. 2011. 258f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [1968]2006/. São Paulo: Parábola